

E A FESTA, ONDE FOI PARAR?

Migrar não é fácil. Seja para um país desconhecido num outro continente, seja para uma região nova na própria terra natal ou até para um bairro longínquo de uma mesma cidade.

Não é fácil porque migrar sempre implica - por menor que seja o trajeto e mais semelhante que seja o destino - cortar laços, - começar do zero, enfrentar o desconhecido, enfim mudar a vida. Como quase sempre deixa-se para trás uma situação difícil, penosa do ponto de vista político ou econômico, uma ruptura familiar, uma tragédia pessoal, a gente não se dá conta da dificuldade desta mudança. Mas não é fácil.

Se tem gente que migra uma vez, ao longo de 60 ou 70 anos de existência e, leva todo esse tempo se adaptando, o que dizer dos que migram constantemente, sempre voltando aos seus lugares de origem, como há muito no Brasil? Migrante temporário não é afinal uma contradição em termos? É possível um homem mudar radicalmente a vida a cada 2 ou 3 anos?

Do ponto de vista estatístico ele não existe como tal. Nenhum dado oficial dá conta deste conjunto de homens e mulheres que vai e vem dos sertões mais distantes até São Paulo, irregular mas intermitentemente durante anos a fio. Os censos registram as migrações permanentes e incluem nestas, sem especificar, as temporárias. Isso porque não se pergunta ao migrante se ele costuma voltar ao seu lugar de origem, com que frequência faz isso, e principalmente o que caracteriza a sua estadia provisória na cidade - se lá mantém vínculos de trabalho, meios de vida ou família.

Da mesma forma que ele não existe para o mundo das estatísticas, como grupo à parte, este migrante não se distingue enquanto operário por sua migração ser temporária. Faz parte entretanto de um conjunto de trabalhadores que tem os menores salários da força de trabalho industrial, condições de vida aviltantes na cidade, pouquíssima mobilização política e quase nada usufrui das facilidades e be-

MIGRAR TEMPORARIAMENTE NÃO SIGNIFICA APENAS MUDAR FÍSICA, GEOGRAFICAMENTE, MAS, PRINCIPALMENTE, ALTERNAR CÓDIGOS, UNIVERSOS SOMBÓLICOS, VISÕES DE MUNDO, COMPORTAMENTOS, ATÉ LINGUAGENS COM MUITO POUCO EM COMUM.

Não se trata apenas de mudar física, geograficamente, mas, principalmente, de alternar códigos, universos simbólicos, visões de mundo, comportamentos, até linguagens com muito pouco em comum. É possível isso? Existe na verdade um migrante temporário?

nefícios da vida urbana. E esta situação, sim, é em grande parte explicada por sua condição de migrante especial.

Mas vejamos, antes de decidir, se é possível um migrante que seja temporário isto é, se se pode cortar e não cortar laços, conviver com dois imaginários diferen-

Suzanna Sochaczewski Evelyn
(Socióloga - Técnica do Dieese)

tes, não misturar códigos simbólicos, ter mais de uma visão de mundo, vejamos então primeiro quem são, como trabalham, como vivem, o que pensam estes homens. Depois decidimos.

O TRABALHO (1)

Começamos pelo trabalho que neste mundo moderno é reconhecido como eixo central da existência humana. Não só para garantir (nem sempre com sucesso) esta mesma existência, mas como qualificador de homens, panacéia para todos os males, legitimador de riquezas, justificativa da própria vida. Dada tal importância, qual o trabalho destes que queremos classificar como migrantes temporários?

Originalmente são lavradores. Nasceram e se criaram no campo; desde muito cedo pegaram na enxada e o trabalho na roça faz parte de suas vidas.

A região de Campo Alegre de Lourdes - a 100Km de Remanso que fica à beira da represa de Sobradinho - alterna longas secas com épocas de chuvas regulares e portanto de colheitas mais ou menos abundantes. Planta-se aí feijão, cebola, milho e melancia.

Cada família tem seu pedaço de terra ou é posseira. Alguns trabalham à meia com fazendeiros da região. Prevalece entretanto a pequena propriedade no mais das vezes apenas suficiente para a produção simples da família.

Todo o trabalho é organizado e executado pelos membros da família. A ausência temporária dos homens (são os que migram mais frequente e numerosamente) faz com que mulheres, velhos e

(1) Os fatos e reflexões que se seguem são fruto de uma pesquisa realizada em São Paulo, no bairro do Jaguaré e no sertão da Bahia, na zona rural de Campo Alegre de Lourdes com homens e mulheres que fazem de sua vida esse eterno ir e vir na condição de migrantes temporários.

crianças se responsabilizem, nestes tempos, pela produção.

O processo de trabalho é o tradicional e ritmo e tempo são dados pelas estações, o tipo da lavoura, as chuvas, o tamanho da família. Muitas vezes, se é necessário, trabalha-se em mutirão plantando ou colhendo para um vizinho, o que é sempre retribuído.

Da produção a família tira o seu sustento imediato, guarda uma parte para plantar no ano seguinte e se há sobras vende em Campo Alegre.

A economia familiar inclui a criação de pequenos animais domésticos como galinhas, patos, porcos, às vezes algumas cabeças de gado, seja como animal de tração, seja para corte.

Os grandes problemas que estes lavradores enfrentam são o pequeno tamanho de suas propriedades, a seca, a comercialização irregular e não organizada, as dificuldades de acesso ao crédito agrícola. Não há, no momento, na região, conflitos de terra de porte suficiente para se constituir em problema prioritário.

Quando estes homens resolvem migrar para São Paulo, o fazem porque um ou mais dos fatos citados torna a vida especialmente precária, naquele momento, no sertão da Bahia.

Vêm então na esperança de economizar uma pequena quantia e com isso garantir a sobrevivência da família e a propriedade da terra durante o período de dificuldades. Já vêm com a idéia de voltar. Costumam migrar pela primeira vez logo após os 18 anos e assim continuam em períodos de 6 meses a mais ou menos 2 anos até serem substituídos pelos filhos crescidos que então recomeçam a mesma rotina.

O trabalho que conseguem em São Paulo é sempre, devido a sua nula ou pequena qualificação, o pior remunerado na escala de salários.

Ao contrário do que acontece na Bahia, em São Paulo estes homens têm que se submeter a uma organização do trabalho que

NO SERTÃO, A VIDA
INCLUI O TRABALHO;
NA CIDADE, O TRABALHO
ENGOLE A VIDA.

lhes é completamente estranha. As longas horas, o horário rígido, a cotidianidade do trabalho, o ritmo imposto não são dados familiares. Não é assim que trabalha no campo e - o que é igualmente importante - não é assim que pensam o trabalho, que se relacionam com ele, não é este o lugar nem a dimensão do trabalho em suas vidas.

Por isso mesmo vêm o trabalho industrial como "cativeiro" (palavra sempre repetida para designar a forma de se trabalhar em São Paulo). Isso não quer dizer que não cumpram, enquanto aqui estão, rigorosamente a rotina de um operário. Mas o fazem sem a convicção ou a naturalidade dos que nascem por aqui ou trabalham assim há já muito tempo.

O fato de alternarem duas formas completamente diversas de trabalho, não só no que diz respeito ao processo mas também a quem o organiza, faz com que possam ter uma visão mais aguda das mazelas do trabalho industrial do que aqueles que não têm qualquer outro parâmetro concreto.

Estes homens não têm uma vaga lembrança de outra maneira de trabalhar como, por exemplo, o migrante permanente mas realizam efetivamente um outro tipo de trabalho, dentro de outra forma de organização de vida durante os períodos de tempo em que voltam para o sertão.

Assim, é possível para estes trabalhadores considerar o seu tempo e trabalho na cidade de São Paulo como temporários, provisórios, secundários.

É muito evidente o orgulho com que se referem ao trabalho na roça - coisa sua - embora reconheçam a sua dificuldade e às vezes até impossibilidade. A simbologia do "cativeiro" (como referência a trabalho escravo) em São Paulo é a vergonha da imposição, da estranheza, da impotência diante de um mundo que usa sua força mas não reconhece o seu valor.

A VIDA

Se dizemos que o trabalho é completamente diferente no sertão e na cidade, mais ainda o é a vida. Para começar em São Paulo a vida destes migrantes se resume ao trabalho. Obrigados a longas jornadas, mais horas extras regulares para aumentar um pouco o minguado salário, eles pouco tempo têm ou disposição ou dinheiro para qualquer coisa além do trabalho. Dormem quando não estão no serviço. O cansaço é um aspecto fundamental em suas vidas.

Nos fins de semana a rotina é quebrada por um joguinho de sinuca, uma cachaça. Como não têm família por aqui (mulheres, filhos, mães, irmãs) suas relações com a cidade acabam se limitando àquelas do trabalho. Não têm uma festa na escola do bairro - nem conhecem a escola se não há filhos - passeio no parque ou cinema no domingo, não vão às quermesses da igreja ou a qualquer destas atividades que geralmente são feitas pela família como um todo. Além disso a maior parte do lazer urbano

é pago e seu salário mal dá para manter-se a si e aos seus no sertão.

Mesmo as atividades trabalhistas e sindicais não aparecem como importantes para estes migrantes. A temporalidade de sua permanência e as longas jornadas fazem com que pouco se envolvam neste setor. É notória a sua pequena participação também nas questões da comunidade e na verdade em tudo aquilo que saia fora, por pouco que seja, do âmbito estrito do trabalho.

A vida em São Paulo fica assim resumida às horas de trabalho e, o que é pior, a um trabalho a que falta vida.

Mesmo em vista desta situação é surpresa o que se encontra no sertão. Lá a vida é difícil, ela é precária, é muitas vezes frágil e pouca mas ela existe. Lá é a vida que inclui o trabalho, na cidade é o trabalho que engole a vida.

Uma das coisas que chama a atenção ao se visitar o sertão é o espaço amplo, o tamanho inusitado das casas. Acostumados a identificar a morada do operário com o mínimo espaço possível (nos cortiços onde moram em São Paulo estes migrantes chegam a dividir uma vaga com outro operário que trabalhe em turno diferente) nós nos surpreendemos com o que vemos no sertão. São casas pobres, de sopapo, chão de terra mas são também amplas, arejadas com vários cômodos. A família mora toda junta e os vizinhos são parentes fazendo com que o povoado seja na verdade uma comunidade familiar.

Ao contrário da cidade - onde praticamente só se trabalha e dorme - o dia no sertão é cheio de atividades diversas. A noção de tempo especialmente é outra. Pode-se acordar cedo ou tarde de acordo com a precisão do momento. Um dia vão todos para a roça, no seguinte só um ou dois trabalham. O forró pode durar a noite inteira e o papo com o visitante se arrasta às vezes toda a manhã. Embora se perceba uma organização por trás de tudo isso ela é fle-

xível, responde a uma lógica que é a da necessidade e vontade próprias. Está em harmonia com a concepção de vida destas pessoas.

Conversar com um homem, migrante temporário, em São Paulo no seu quarto de cortiço ou no bar da esquina e lá na soleira da porta de sua casa no sertão, é como falar com duas pessoas diferentes. E são mesmo duas pessoas muito diferentes. É a diferença entre estar sujeito e ser sujeito. Estar sujeito, na cidade, a uma situação sobre a qual não se tem controle ou influência. Estar sujeito a um processo que se sabe desconhecer em sua grande parte. Estar sujeito a uma vida onde só existe o trabalho.

Tudo isso faz com que este homem pense frequentemente no seu lugar de origem e, mais ainda, que não assuma a vida em São Paulo. Porque na verdade para ele não é vida, é trabalho como cativo, como pena.

Por outro lado, onde se é sujeito a vida faz sentido. Não que ela seja idealizada, vista como boa. Longe disso. O lavrador tem consciência aguda de suas limitações, das necessidades por que passa, do caráter duro e penoso de sua existência no campo. Mas a vida é entendida, ela tem um significado. Além do mais a existência não se resume ao trabalho. Tem muitas dimensões, é rica em relações: tem aspectos familiares, comunitários, religiosos, políticos. Até as migrações são incorporadas à vida no



sertão. São as histórias, casos, acontecimentos que vão sendo contados e visivelmente reinterpretados dentro de um quadro mais amplo do que a vivência na cidade em si. É a experiência urbana que vai sendo digerida num contexto rural, modificando-o e sendo modificada por ele.

Um homem na soleira de sua porta no sertão fala horas e horas sobre todas estas facetas de sua vida, muito senhor de si, embora possa estar com fome e saiba no fundo que vai ter que migrar vezes sem conta para não perder tudo isso.

A FESTA

Outra coisa que chama a atenção quando se conhece estes migrantes temporários é a disparidade entre o que a gente costuma pensar como vantagens da vida na cidade e a percepção que eles têm disso. São Paulo oferece, todos sabemos, além dos serviços básicos como escola, atendimento médico, água, luz, esgoto, entre outros, uma série de possibilidades de diversão: filmes, música, teatro, esportes, circos, festivais, festas populares. Enfim, poder-se-ia dizer que há algo para todos os gostos e, o principal, para todos os bolsos. Desde eventos gratuitos até os mais inimaginavelmente caros.

Entretanto quando se conversa com um homem lá do sertão da Bahia, que já migrou muitas vezes, que tem até uma grande familiaridade com o trabalho por aqui, São Paulo aparece como o lugar mais triste do mundo, como aquele em que nada há para se fazer, ver, conhecer, gozar.

É claro que uma parcela enorme das atividades da cidade está fora do alcance do migrante, mas ele também não dá valor ou reconhece como suas aquelas que poderia aproveitar.

Quando descreve sua vida em São Paulo, esteja ele lá ou cá, a sua história se limita ao trabalho e fora disso a um tempo como que morto onde só se identifica cansaço, saudade, solidão. Ele pouco

participa das festas ou comemorações que grupos de migrantes permanentes, muitas vezes de sua própria região, organizam por aqui.

É tão pobre a descrição da vida na cidade nos seus aspectos de diversão, de festa, que se desconfia até de um processo de desestruturação cultural atingindo também os lugares de origem.

Mas aí vem uma surpresa. Lá, em condições de vida difíceis, se encontra a todo momento a "festa".

A festa sob a forma de um pastoril de Natal ou de uma folia de Reis, a festa como reunião política com uma participação inédita das mulheres, a festa de casamento numa casa perdida, isolada e de repente pequena demais para todos os convidados aparecidos não se sabe bem de onde, a festa de um mutirão de trabalho, a festa de um forró improvisado que comemora a chegada do visitante ou a perspectiva de chuva, a festa como novena na igreja, a festa do nascimento de mais uma criança, a festa do velório e enterro de um que não pode esperar pelas chuvas.

Todas estas festas são junto com o trabalho no campo a

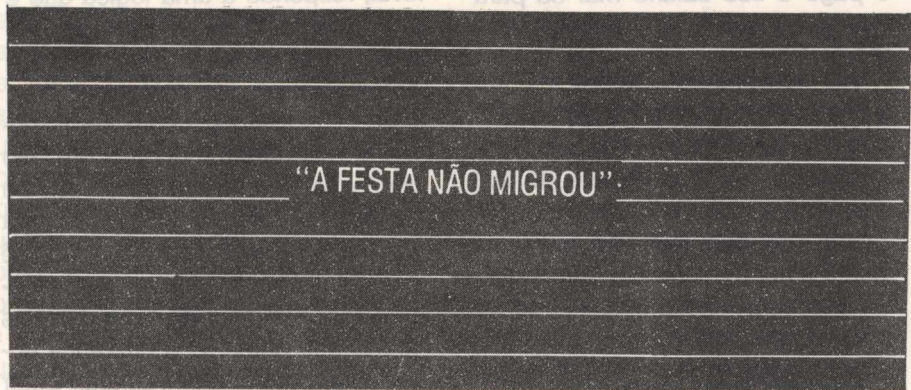
vida da gente do sertão. Mas em São Paulo onde foi parar a festa? "A festa não migrou" disse uma vez José de Souza Martins, sociólogo ilustre e principalmente fino conhecedor da alma popular (2).

O migrante temporário não traz a festa para São Paulo e esta é uma das formas de manter a sua migração como temporária. Traz na sua bagagem apenas uma faceta de sua vida: o trabalho. O resto fica por lá.

Ele sabe no fundo que é o trabalho em São Paulo que permite a sua sobrevivência e permanência no campo. E por isso ele vem para a cidade. Mas é alto o preço que paga. Pois o trabalho que o mantém é também aquele que embru-

tece e que o desumaniza. O trabalho que remunera e que volta para o sertão sob a forma de dinheiro, roupas, enxadas, arados é também aquele que dá ao migrante temporário na cidade as piores condições de vida. O trabalho que garante a sua sobrevivência não garante a vida como festa em São Paulo. E assim enquanto a festa não migra também a migração continua provisória recriando, a cada vez, este personagem contraditório, dividido, operário e lavrador que é o migrante temporário.

(2) MARTINS, José de Souza – Não Há Terra Para Plantar Neste Verão, cap. 2 o vôo das Andorinhas – migrações temporárias no Brasil – Editora Vozes – Petrópolis – 1986.



LEIA E DIVULGUE



Publicação bimestral do SPM-Serviço Pastoral dos Migrantes e do Centro de Pastoral dos Migrantes de S. B. do Campo/SP

Rua Dona Avelina, 55 CEP 04111 São Paulo/SP



Publicação bimestral do Serviço Pastoral dos Migrantes, reunindo o que sai na grande imprensa e publicações alternativas sobre a realidade do migrante.

Rua Dona Avelina, 55 CEP 04111 São Paulo/SP